

Pequenas inconfiáveis de imagens e palavras

Outubro de 98

Enquanto o vento lava o ar da manhã, toalhas secam. Poucas palavras suspensas nos fios condensam a umidade gris. Palavras são também fios, linhas tecidas. Um movimento e se transformam em oração (tempo tempo tempo tempo). Outro instante: abandono - estagnação. Hospício São Pedro. Neste lugar eram muitos e havia tudo, mas nada se mostrava inteiro: canto de sabiá persistente; um grito estalava próximo; atrás das basculantes deslizavam espectros sob recortes de papel colorido. Plantas vertiam entre o cimento mal cicatrizado sob nossos pés. Olhei e não podia ver tudo no pátio vazio. Ele nos falou de setecentos loucos. Setecentos nódulos que imantariam a retina quando ela surfasse na vastidão. As nove palmeiras cumpriam uma inútil acupuntura vegetal. Nove pára-raios invertidos. O verbo desapareceu. Caminhávamos sobre um temporal. Panos e palavras suspensas no instante são notas de uma pauta sem canto. Isto já não é poesia. Isto já não é arte. Estes já não são homens. Foi apenas uma manhã que nos escreveu com sua dolorosa caligrafia.

Segunda-feira

No Torreão, na tua sala - um de cada lado da mesa. Sobre ela, prendedores de roupas agora eram presos por palavras. Escolhas arbitrárias. Lembrei: um sistema é qualquer sistema. Porém tua fala brilhava como as palavras gravadas em dourado. Seguravas isoladamente cada palavra-objeto que girava como uma pedra lapidada sob a luz. Hélice, vaso, gravata, escrivaninha. Movias como se tentasses mostrar as reverberações dos reflexos de cada uma. Eu, surdo, comentei sobre as nossas distâncias. Não tenho a mesma fé em palavras isoladas. Citei Raduan: as palavras são como as pessoas, ficam mais fortes quando estão juntas. Para mim hélice era hélice, gravata gravata, escrivaninha era escrivaninha. A palavra se acabando no limite da sua superfície um objeto opaco e solitário. Agora eras tu que já não me ouvias, entretida nas entrelinhas das polifonias infinitas.

Um dia

Será que um dia tudo será realmente passado? Fica difícil imaginar quando se faz do presente um amontoado de tudo. Quando não se consegue descartar nada, nem uma meia, nem uma carta, nenhuma história.

Oito horas

Claviculario. Outro dia me trouxestes esta palavra: claviculario. Mais do que uma palavra-valise esta era uma palavra-vagão. Nela caberiam todas as palavras do mundo e com elas mil imagens para cada uma. A chance de organizar cada compartimento gerava uma felicidade como a de quem já se vê completo pela simples tarefa de poder arrumar os armários da casa. Enquanto se arruma, tudo se torna presente ao se praticar o milagre de uma ressurreição coletiva. E, ao mesmo tempo, o esquecimento dos outros fluxos rasteiros da vida. Quando vi os trabalhos prontos fiquei confuso. Ora pareciam retratos, ora não eram mais caixas de chaves (palavras-chaves), mas sumidouros. Depois galáxias que não paravam de exercer sua ginástica sideral de contrações e expansões.

Ano-que-vem

Poderias marcar um encontro. Na esquina da Felipe Camarão com a Osvaldo Aranha num final de tarde de uma quinta-feira de um dia preciso, mas secreto. Andarás poucos metros, sem ansiedade, pois a disponibilidade será tão grande que não dará espaço para qualquer outra sensação. Chegarás um pouco antes - afinal é perto da tua casa e um pouco de espera é sempre produtivo. Sabes que na hora marcada ele irá aparecer: o encontro.